

Arqueologia radiofônica: o rádio paulista nas décadas de 1920 a 1950

O rádio com sotaque paulista: pauliceia radiofônica

_Daniela Jakubaszko

SOBRE A AUTORA >

DANIELA JAKUBASZKO>

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Pofessora da Escola de Comunicação da Universidade São Caetano do Sul (USCS).

ocadani@yahoo.com

O rádio com sotaque paulista: pauliceia radiofônica

Antonio Adami

São Paulo: Editora Mérito, 2014, 160 p.

O rádio com sotaque paulista: pauliceia radiofônica, de Antonio Adami, é fruto de pesquisa iniciada em 2003, uma arqueologia do rádio paulista que resgata a história das emissoras mais importantes do estado, nas décadas 1920 a 1950, levando em conta a importância e a representação regional de cada uma delas, articuladas a seus contextos.

Certamente a investigação exigiu fôlego para pesquisa documental e de campo, paciência com os detalhes e lacunas, conhecimento histórico, densidade analítica, e, ao mesmo tempo, leveza para o relato: como não afastar o leitor com uma avalanche de nomes, detalhes técnicos, acontecimentos e datas? Cada nome, evento e

lugar carrega seu volume de memória. Como resgatá-los e registrá-los sem cometer injustiças? No prefácio, Mario Fanucchi endossa: “O certo é que a valiosa pesquisa do Prof. Adami apresenta um panorama completo do rádio em todo o Estado de São Paulo, narra sua história desde os primeiros capítulos, e, ao mesmo tempo, faz justiça aos protagonistas dessa aventura sem par” (p.24).

Situada no campo da história dos meios, memória, cultura e mídia; explorando técnicas de pesquisa e coleta advindas dos enfoques teóricos e metodológicos da história oral, a pesquisa foi realizada em quatro fases: (1) Levantamento das emissoras em três regiões – litoral, interior e capital; (2) Levantamento das grades de programação (3) Pesquisa bibliográfica e documental, coleta de materiais em acervos diversos; (4) Entrevistas com profissionais de rádio e familiares. Analisando processos e contextos, o autor identifica um perfil para cada década, destacando as contribuições e inovações de cada período. A obra consegue preencher uma lacuna de conhecimento que havia no campo da história dos meios sobre a produção, diacronia e memória do rádio paulista.

Muitos desafios se colocam para quem pretende levar adiante um trabalho de resgate histórico e construção de memória. Como reordenar e recontar o passado quando as lacunas parecem ser intransponíveis? Quando se trata de recuperar a memória e história dos meios, um sério obstáculo é a carência de material e de acervos.

Algumas rádios da capital mantém sua história, principalmente aquelas que fazem parcerias e não apenas são vendidas e assumidas por outra empresa, mas na maioria delas a história desaparece e somente encontramos vestígios com acesso às famílias fundadoras, onde um ou outro membro, por diletantismo, por vínculo familiar e, às vezes, observando a importância da preservação da memória da cidade, guarda informações e permite o acesso. Esta é uma questão séria, pois, justamente com as rádios desaparece parte da história brasileira (Adami, 2014, p. 42).

Nesse contexto, o registro oral, os métodos e as técnicas de coleta da história oral, tornam-se fundamentais, bem como uma concepção de memória com profundidade diacrônica e a consciência de que o pesquisador é um “intérprete da realidade pesquisada” (p. 35).

Ao ler *O rádio com sotaque paulista* me lembrei do romance *Tia Julia e o escrevinhador*, de Mario Vargas Llosa, que, ao escrever sobre o cotidiano das Rádios Panamericana e Rádio Central (Lima-Pe), na década de 50, ilustra bem a complexidade com que se depara aquele que toma o rádio como objeto de estudo científico. Vale citar uma passagem em que o personagem Pedro Camacho, famoso roteirista das radionovelas de sucesso da Rádio Central de Lima, explica onde se conservam seus escritos:

Não lhe importava em absoluto que suas obras durassem. Uma vez irradiadas, esquecia-se dos roteiros. Me garantiu que não guardava cópia de nenhuma de suas radionovelas. Elas haviam sido compostas com a tácita convicção de que deviam volatilizar-se ao serem digeridas pelo público. Uma vez perguntei se nunca tinha pensado em publicar: –Meus escritos se conservam num lugar mais indelével que os livros – me instruiu, no ato: - A memória dos ouvintes (Vargas Llosa, 2010, p. 165).

Pedro Camacho quer apenas escrever sua ficção, mas quem vai tecer as lembranças de modo a dar forma ao que ficou tanto tempo esquecido, guardado, fragmentado no tempo? O arqueólogo é quem buscará as emissoras, detalhes de suas fundações, prefixos, grade de programação, profissionais de destaque, locutores, músicos, artistas, cantores, repórteres, maestros, técnicos, diretores, empresários e, claro, os grandes programas - além da música, os esportes, as notícias, o humor, o radioteatro e a radionovela. Nomes, datas, lugares, acontecimentos; técnicas e tecnologias; referências aos contextos históricos e ao papel social do rádio. E muito mais, tudo isso entrelaçado num texto leve e consistente. Ao mesmo tempo em que atinge a precisão necessária ao relato histórico, o autor aponta para os emaranhados que os meios constroem com a vida sociocultural e política do país, da região e das pessoas. Como em *Tia Julia e o escrevinhador*, em que as experiências de Vargas Llosa se entrelaçam com os melodramas das radionovelas, o cotidiano e a história das rádios de Lima, seus profissionais – personagens reais, fictícios e híbridos -, o momento histórico e político da América Latina. Aqui, no Brasil, e em São Paulo, não teria sido exatamente assim?

Em *Clio en la encrucijada*, Lotman (1998) evoca uma imagem que traz dramaticidade ao trabalho da ciência histórica, mas que parece, de fato, mais apropriada para descrever o desafio de levar adiante o resgate histórico: “La historia se presenta ante nosotros no como un ovillo desovillado em um hilo infinito, sino como una avalancha de matéria viva que se autodesarrolla” (Lotman, 1998, p.180). Com a leitura de *O rádio com sotaque paulista* ficamos instigados a continuar nas encruzilhadas dessa estrada, como Clio, a escolher caminhos e descobrir histórias que entrelaçam vidas a fatos históricos, e seus sentidos que atam passado, presente e futuro numa mesma trama.

REFERÊNCIAS>>

LOTMAN, I. M. Cílo en la encrucijada. In: *La Semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. Madrid: Ediciones Cátedra S.A., 1998, p. 175-182.

VARGAS LLOSA, M. *Tia Julia e o escrevinhador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, 463 p.